

Maria Clotilde Almeida

*FLUL*

## A Poética do Futebol: análise de representações mescladas à luz do paradigma das Redes de Espaços Mentais

Ao Professor Mário Vilela  
que me ensinou que a língua portuguesa está cheia de vida e de poesia

### **Introdução**

O presente trabalho “A Poética do Futebol”, gizado à luz do enquadramento semiótico-cognitivo, mais precisamente à luz da Teoria das Redes de Espaços Mentais (Brandt 2001, 2004; Brandt/Brandt 2003), paradigmaticamente títulos mesclados do domínio do futebol constantes do jornal “A Bola” enquanto elaborações poéticas que, nesta qualidade, consistem em segmentos textuais de índole auto-referencial que, organizados na base de convergências formais, frequentemente de índole rítmica, visam evocar conteúdos emocionais junto do público leitor.

Registe-se que o presente *corpus* é constituído por um conjunto de títulos mesclados, construídos poeticamente em torno de nomes próprios, extraídos do jornal “A Bola” no período entre Janeiro de 2002 e Outubro de 2004. Assim, orientados para confluências sonoras, despertam-nos para o facto de que “a função dos sons é, em primeiro lugar, estabelecer diferenças entre as palavras e, em segundo lugar, criar uma miríade de associações de identidade de forma-significado entre ocorrências” (cf. Waugh 2000).

Convém sublinhar que análises de outros exemplos mesclados deste jornal desportivo, levadas a cabo, de forma pontual, no contexto do estudo conjunto com outras ocorrências mescladas recolhidas na imprensa escrita não desportiva (cf. Almeida 2002, 2004 a, 2004 b), constituíram uma base de referência para o presente estudo.

1. Em alguns trabalhos anteriores da autora foram analisadas, à luz do modelo das Redes de Integração Conceptual (Fauconnier/Turner 2002), imagens mescladas com nomes próprios, recolhidos em títulos da imprensa portuguesa, nomeadamente dos jor-

nais “Público”, “O Expresso”, “A Bola”, e da revista “Visão” (Almeida 2002, 2004 a), bem como ocorrências mescladas provenientes dos jornais e revistas portuguesas acima referidos que foram confrontados com exemplos do jornal alemão “Die Zeit” e da revista alemã “Der Spiegel” (Almeida 2004 b).

Refira-se que no âmbito da teoria das Redes de Integração Conceptual se postula que as mesclas emergem da intersecção de vários espaços de input à luz dum Espaço Genérico de índole abstracta que viabilizaria o processo de integração conceptual quer no âmbito morfológico, quer no âmbito textual.

Sublinhe-se que, em qualquer dos trabalhos de nossa autoria, pudemos corroborar que o significado intencional dos títulos mesclados decorre invariavelmente da análise da totalidade do texto da notícia. Esta constatação aplicou-se mesmo a casos em que as mesclas emergiam de entrosamentos de nomes próprios com nomes próprios, como por exemplo “Dom Kohleone”, resultante da intersecção do espaço de input referente ao ex-chanceler “Helmut Kohl” com o espaço de input que refere a figura emblemática da mafia americana “Dom Corleone”, na base de um espaço genérico que, na nossa óptica, se podia reportar a actos ilícitos cometidos pelas duas figuras.

A importância do papel do texto enquanto conjunto coeso pluridimensional na compreensão das construções mescladas é acrescida no caso de entrosamentos entre nomes próprios e nomes comuns, conforme patente no título mesclado de “A Bola”, analisado em (Almeida 2004 a), a saber “A(dora)m-na Gomes”. Longe de constituir um mero produto da intersecção entre dos vários espaços de input, a saber, o espaço de input “Dora Gomes”, a campeã portuguesa de bodyboard, e o espaço de input do verbo “adorar”, esta ocorrência proveniente do jornal “A Bola” é arquitetada, de forma complexa, na base de outro espaço de input, uma contrafactual, uma vez que é afirmado no texto da notícia que o público, de facto, não a adora. Como é óbvio, neste caso, torna-se mais difícil vislumbrar um espaço genérico abstracto que consiga abranger os dois espaços de input, pelo que, quanto a nós, esta mescla é configurada na base de uma motivação de índole fono-morfológica entre categorias de espaços mentais diferentes.

Em Almeida (2004b) análise semântica do título mesclado “George Bush Superstar”, que encima uma notícia da revista “Der Spiegel”, revelou que o mesmo não constitui uma apreciação positiva, como poderia parecer à primeira vista, dado que não resulta do mero entrosamento do espaço de input “George W. Bush” com o espaço de input “Jesus Christ Superstar”, tendo por base um espaço genérico abstracto. Muito pelo contrário, uma vez que no texto da notícia predominam apreciações negativas às medidas políticas de George Bush, que se afiguram contrafactuais a uma apreciação positiva da figura do presidente, é-nos transmitido um juízo de valor negativo como produto semântico final.

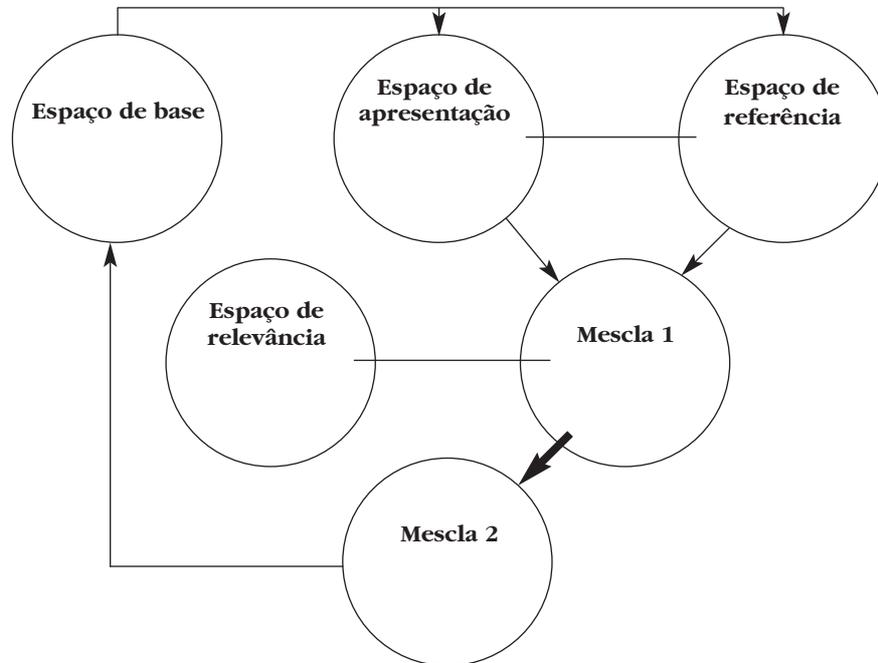
Mais uma vez se verifica que o significado da notícia dificilmente podia emergir do entrosamento de vários espaços mentais diferentes à luz de um espaço genérico, dado que a actuação de “George Bush” pouco ou nada tem a ver com a figura de Cristo na peça “Jesus Christ Superstar”: Sublinhe-se, então, que é apenas na mente do autor da notícia que se traçam estas linhas de convergência, pelo que, na nossa óptica, não estamos perante um espaço genérico, mas antes perante uma dimensão de relevância, naturalmente elaborada por um prisma subjectivo.

Em consequência, o fraco poder explicativo da Teoria das Redes de Integração Conceptual, decorrente da atribuição ao espaço genérico do papel de cerne operativo no seio das elaborações mescladas, levou-nos a enveredar, neste trabalho, pelo modelo de “Redes de Espaços Mentais”, conhecido pelo modelo de Aarhus, que, como veremos em 2., embora inspirado no modelo americano, preconiza a vigência de um Espaço de Relevância enquanto factor determinante na estabilização das configurações mescladas.

Reportando-nos ainda aos vários estudos da autora (Almeida 2002, 2004 a, 2004 b), não podemos deixar de referir que as imagens mescladas em títulos da imprensa emergem frequentemente do entrecruzamento de um espaço mental configurado em torno de um nome próprio de uma figura pública com outro espaço mental configurado em torno de um nome próprio do domínio da ficção, a saber, de um título de obra literária ou de filme, como é o caso de exemplo supracito referente a George Bush. Dado que, nestes trabalhos, em virtude da exiguidade de espaço, foi impossível explorar cabalmente os processos de mesclagem com nomes próprios do domínio da ficção, remetemos a análise mais aprofundada dos processos de mesclagem, arquitectados na base de domínios da ficção, para um estudo em curso (Almeida em preparação).

2. A Teoria dos Espaços Mentais (Brandt 2001, 2004; Brandt/Brandt 2003) equaciona as arquitecturas de mesclagem enquanto edifícios semióticos, pelo que, quando se representa algo, estabelece-se uma situação de enunciação de base, ou seja, um Espaço Semiótico de Base que dá origem a uma série de cenários ou de espaços mentais em cadeia. Registe-se que, na qualidade de processo semiótico automático, subjaz quer a todos os actos discursivos, quer a todos os processos cognitivos propriamente ditos, tais como, por hipótese, os actos de recordar ou de imaginar algo.

A partir do Espaço de Base configura-se o Espaço de Apresentação (ou Espaço de Imagem), referenciado como (1), que se reporta a MODO vemos mentalmente algo a partir do entrecruzamento com um Espaço de Referência (ou Espaço Tópico), referenciado como (2), que representa esse ALGO. Deste entrecruzamento emerge uma mescla, identificada como (4). Esta é gizada à luz do Espaço de Relevância, referenciado como (3), que ilustra o PORQUÊ da construção de ALGO de um determinado MODO. Por sua vez, da mescla (4), mera intersecção formal dos espaços (1) e (2), resulta a mescla (5) que, condensando o significado intendido, o remete para o Espaço Semiótico de Base, de onde teve origem, conforme o diagrama que segue:



Sublinhe-se que a introdução na Teoria das Redes de Espaços Mentais de um Espaço de Relevância, que toma o lugar do Espaço Genérico do Modelo de Redes de Espaços Mentais, pretende ilustrar o dinamismo subjacente ao processo de elaboração das mesclas, dado que o significado veiculado em (5) emerge, por meio de arquiteturas de inferência, da construção mesclada em (4). Assim, na base de postulados clássicos da pragmática e da semiótica, estabelece-se necessariamente a distinção entre mesclas de diferente teor, a saber, a mescla 1, que se reporta ao perfil arquitectónico propriamente dito, e a mescla 2, que consigna a dimensão do significado veiculado pelo perfil arquitectónico.

3. Conforme anteriormente enunciado, reunimos no presente apenas algumas das múltiplas ocorrências do jornal “A Bola” que evidenciam arquiteturas poéticas, ou seja, aquelas em que as mesclas são dimensionadas na base de factores de relevância sonoros que servem de suporte a conteúdos emocionais. Centraremos a nossa análise sobre os vários processos sonoros subjacentes às elaborações mescladas com nomes próprios que servem à edificação de perfis textuais de confluências sonoras em que se destacam, para além dos jogos de palavras ancorados quer em pares mínimos, quer em sequências aliteradas, construções homófonas. Saliente-se ainda a ocorrência de construções pseudo-homófonas, de configurações de pseudo-pares mínimos, de elevado grau de criatividade.

Convém sublinhar que o relevo do registo formal na construção dos títulos mesclados indicia uma dimensão textual de cariz auto-referencial, própria da função poética da linguagem, que emerge a partir dos ritmos gerados pelas sequências textuais.

Deste modo, a função referencial da linguagem é relegada para segundo plano, dado que se privilegiam as cadências intratextuais. Quanto a nós, são precisamente estas sequências rítmicas ao nível formal que facilitam o acesso ao conteúdo emocional veiculado pelos títulos mesclados.

3.1 Começamos com a análise dum título mesclado “Que se Danny o empate!” cujo sentido apenas é descortinável a partir da leitura de um outro pequeno texto reproduzido abaixo, que avalia a prestação de “Danny” no jogo. Registe-se, então, que o processo de mesclagem se estabelece a partir de uma relação intertextualidade entre os vários segmentos de texto que convergem no título, gizado na base de uma elevada afinidade formal entre “Danny” e “dane”:

“Um ponto é pouco para os madeirenses que investiram quase tudo na vitória.

**Que se Danny o empate!** “ Crónica de Pascoal Sousa

Danny

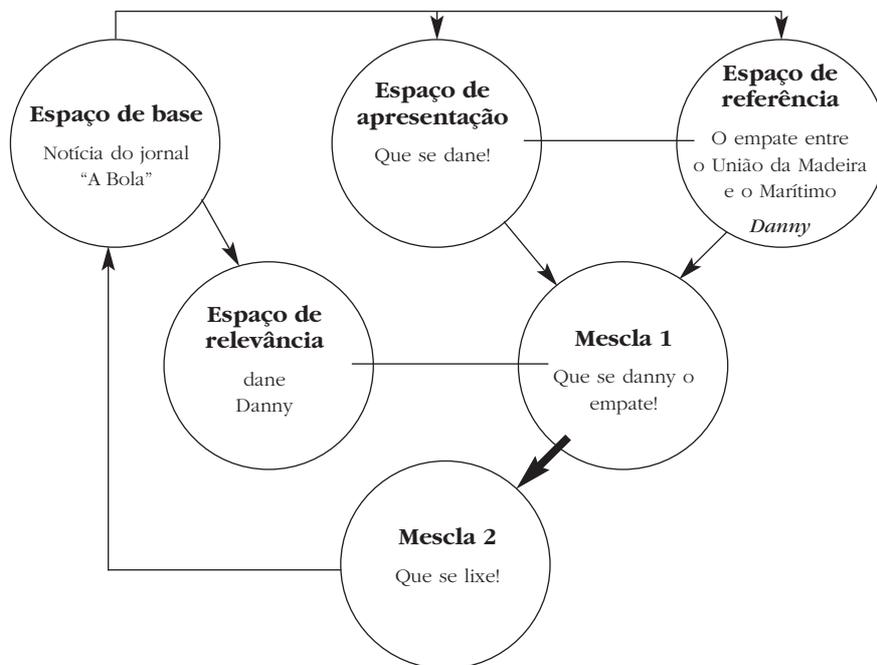
7

Os pratos da balança penderam a favor do Marítimo sempre que tocou na bola. Autor do passe para o golo de Luénio e mais duas assistências primorosas que Alan apesar de se encontrar isolado não soube aproveitar.”

*A Bola* 17.01.2004

Conforme o diagrama 1 abaixo, o título mesclado constante da notícia do jornal “A Bola” decorre do mapeamento da expressão de desinteresse “Que se dane!”, que constitui o espaço de apresentação, no espaço de referência, o empate entre o Beira-Mar e o Marítimo. De algum modo, a boa prestação de Danny, jogador do Marítimo, não se coaduna com o empate, pelo que a construção da mescla 1 “Que se Danny o empate”, arquitectada na base do factor de relevância, a elaboração do par mínimo “Danny/dane”, se destina a veicular um conteúdo emocional de desinteresse em relação ao resultado do encontro entre as duas formações clubísticas.

DIAGRAMA 1



3.2. O segundo título mesclado em estudo “Os cento e um Dalmat metidos no congelador” é edificado na base de uma afinidade apenas parcial entre o nome próprio do jogador “Dalmat” e o título do filme “Os Cento e um Dalmatas”, conforme se observa na ocorrência abaixo:

“Liga dos Campeões  
Os jogadores do Inter

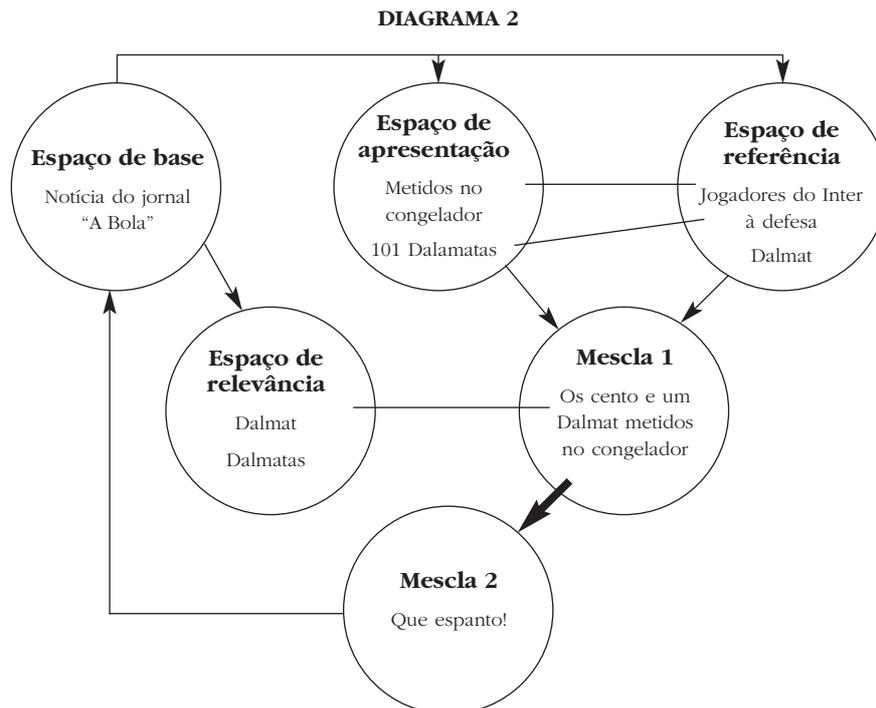
**Os cento e um Dalmat metidos no congelador** por Carlos Vara

É mesmo típico deles. Forte segurança defensiva, com Materazzi em grande plano, meio-campo duro com uma pedra e um ataque com Vieri sempre à espera de novidades. No fundo, o Inter meteu-se no congelador e procurou gerir o resultado como lhe convinha, sempre sob as graças de um grandioso Dalmat. Céus, que jogo do francês. “

*A Bola* 15.10.2002

A partir do mapeamento entre o Espaço de Referência, a saber, o trabalho defensivo dos jogadores do Inter com destaque para o jogador Dalmat, e o Espaço de Apresentação, configurado na base de um entrosamento complexo entre “metidos no congelador”, imagem metafórica do trabalho defensivo do Inter, e o título do filme “Os 101 Dalmatas” forma-se a construção mesclada 1 “Os cento e um Dalmat metidos no congelador”, pertinentemente elaborada a partir da semelhança morfológica parcial entre “Dalmat/Dalmatas” (o espaço de relevância). Registe-se que a construção mesclada é

interpretável como uma manifestação de admiração/espanto pelo bom trabalho da equipa, conforme patenteado no diagrama 2 abaixo:



3.3 No título mesclado “Dança com Dragões” foi gizado na base de um padrão rítmico vulgarmente designado de aliteração que vigora a partir da repetição da consoante sonora D por duas vezes no título da notícia:

“Taça UEFA  
Quatro olhares a caminho do paraíso

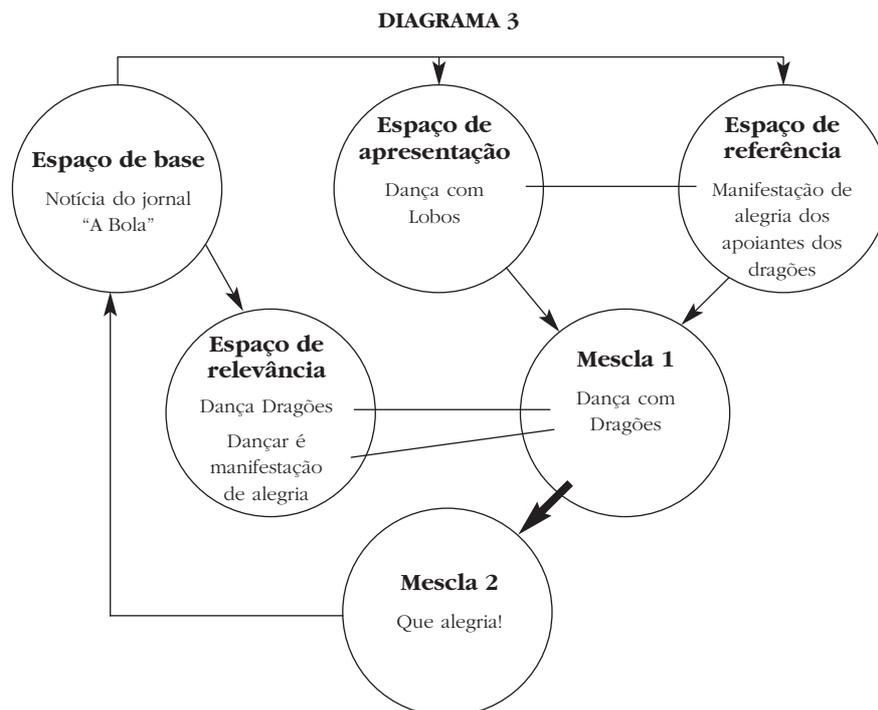
#### **Dança com Dragões**

Quatro dragões na dança da euforia mal o FCP colocou o carimbo no passaporte para o final da taça UEFA: Manuel Serrão e Pôncio Monteiro, adeptos sempre com ironia e pimenta na ponta da língua; Silva Peneda, ex-ministro de Cavaco Silva e Administrador da SAD; Artur Jorge, treinador da conquista do primeiro pedaço de imortalidade.”

*A Bola* 25.4.2003

A partir do Espaço Base configura-se um Espaço de Apresentação, o título do filme “Dança com Lobos” que, mapeado no Espaço de Referência relativo a manifestações de alegria por parte dos adeptos dos dragões acima referidos, dá origem à construção mesclada “Dança com Dragões”, assinalada no diagrama como Mescla 1. Saliente-se que esta construção mesclada é fixada a partir do Espaço de Relevância “dançar é mani-

festação de alegria”, pelo que o significado emergente de “Dança com Dragões” nos remete para uma manifestação de regozijo pela prestação a equipa do Porto, conforme ilustrado no diagrama 3 abaixo:



3.4 Uma análise atenta do título mesclado que citamos integralmente abaixo “A sorte que dá ter este **Azar**” revela que foi construído quer na base do jogo homonímico entre “Azar”, o nome do avançado norueguês do Benfica, e “azar”, quer na base do paradigma de categorias de sinal contrário em português, a saber, “azar” e “sorte”:

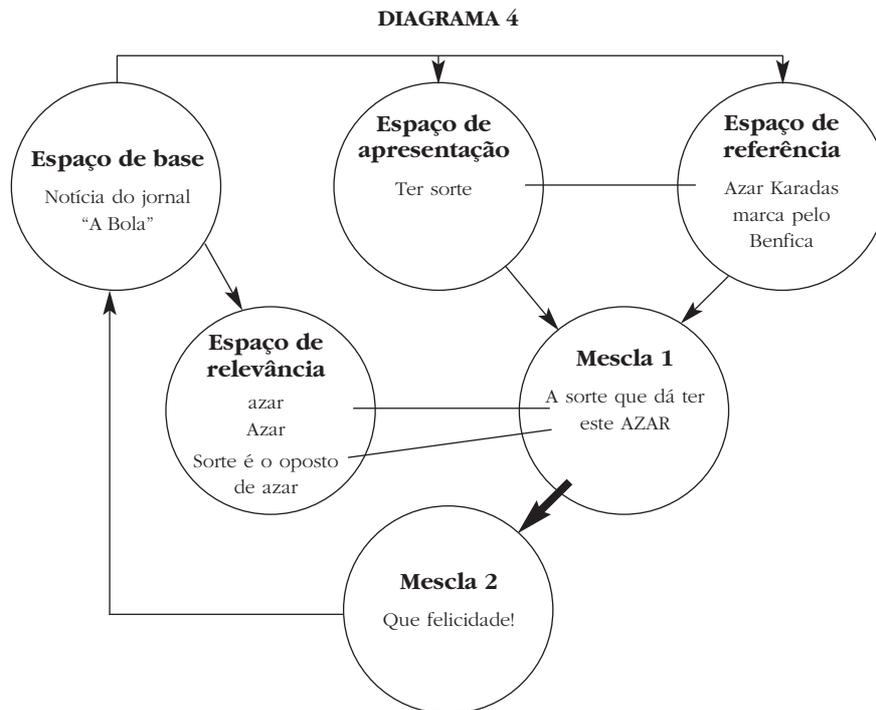
“Depois da bomba de **Karadas** lá chegou finalmente o primeiro golo de **Sokota**

**A sorte que dá ter este Azar**

*A Bola*, 25.10.2004

De acordo com a ilustração no diagrama 4 que seguidamente se apresenta, o título mesclado, “A sorte que dá ter este Azar” emerge a partir da projecção do Espaço de Referência, a marcação do golo por parte de Azar Karadas, no Espaço de Apresentação, “ter sorte” com base em dois factores de relevância: o primeiro reside na homofonia entre o nome próprio “Azar” e o nome comum “azar”, palavras formalmente coincidentes no plano morfológico mas de significados diferentes, e o segundo centra-se na diferença semântica entre os contrários “azar “ e “sorte”. A elaboração da constru-

ção mesclada, designada de Mescla 1 no diagrama, veicula uma manifestação de felicidade pelo golo marcado pelo jogador “Azar”.



3.5. No título mesclado, que analisaremos em seguida, constroi-se a configuração mesclada na base dos seguintes factores de relevância, a saber, os quase-homónimos “Bonfim”, nome do estádio do Vitória de Setúbal, e a expressão metafórica “ ter bom fim”, que, em parte, se lhe assemelha no plano lexical, mas não no plano semântico, ou mesmo no plano prosódico.

“Sporting sem futebol suficiente para aguentar o ritmo imposto pelos setubalenses, que sete anos volvidos voltam a derrotar a equipa de Alvalade da cidade do Sado

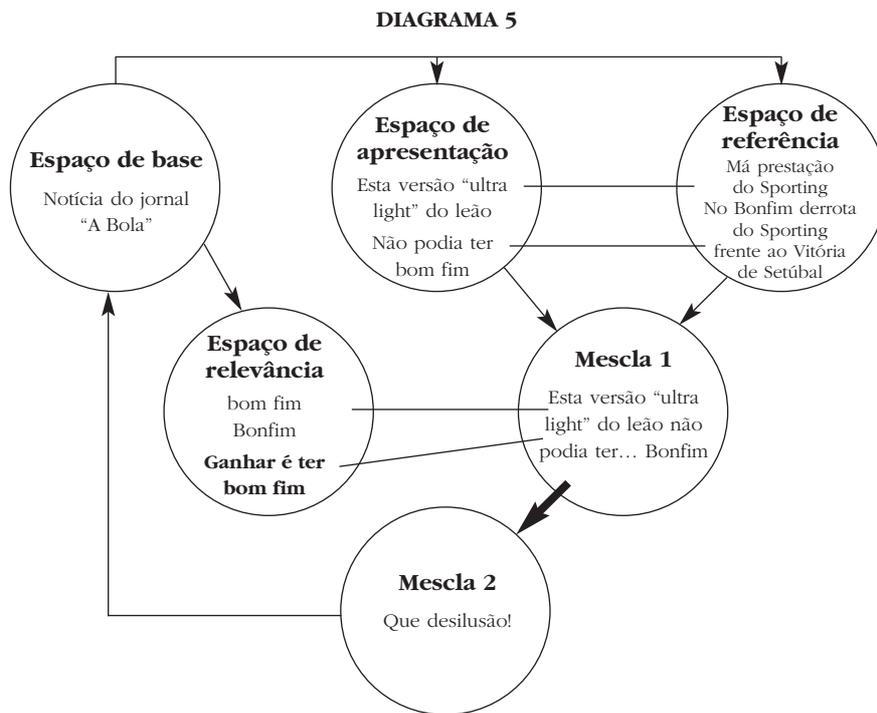
**Esta versão “ultra-light” do leão não podia ter .....Bonfim”**

Crónica de José Manuel Delgado

*A Bola* 13.09.2004

Na cadeia de espaços mentais, o espaço de apresentação regista uma dupla dimensão metafórica de articulação causal, a saber, “esta versão ultra-light do dragão”, em que o domínio da culinária serve de base à representação da prestação desportiva do Sporting, que se articula “não podia ter um bom fim” com o sentido metafórico de “ não podia ter um resultado positivo”. Mediante projecção do espaço de apresentação no espaço de referência também encadeado num nexos causal, a má prestação do Sporting que causou a derrota desta equipa frente ao Vitória de Setúbal, obtém-se a cons-

trução mesclada acima referida, assinalada como mescla 1 no diagrama 5 abaixo, que veicula o significado de desilusão relativamente à prestação do Sporting



Em suma, nos exemplos já analisados verificamos que os títulos das notícias são construídos de forma poética. Registe-se, porém, que a auto-referencialidade dos processos poéticos nos títulos constitui uma estratégia discursiva de facilitação do acesso à informação veiculada por "passwords", a saber, os nomes próprios, geralmente inscritos em paradigmas de jogos de palavras, em torno dos quais as dimensões textuais de auto-referencialidade se transformam em dimensões textuais de emotividade, ilustrando a realidade dos factos à luz de conteúdos emocionais de natureza diversa que vão desde o desinteresse à alegria, passando pelo espanto e pela desilusão.

4. Para melhor enfatizarmos a dimensão poética dos títulos mesclados com nomes próprios anteriormente analisados, procedemos à análise de um outro título mesclado com um nome próprio, construído na base da referência a uma obra de ficção, a saber, "O Paciente Inglês" em que, ao invés de "Dança com Dragões", analisado em 3.4, os jogos poéticos estão ausentes.

O referido título integra a notícia abaixo, publicada no jornal "A Bola" a 6 de Março de 2004, uns dias antes do desafio entre o FCP e o Manchester para a Liga dos Campeões:

“FCP com uma baixa para Manchester mas carregadinho de moral  
**O paciente inglês**

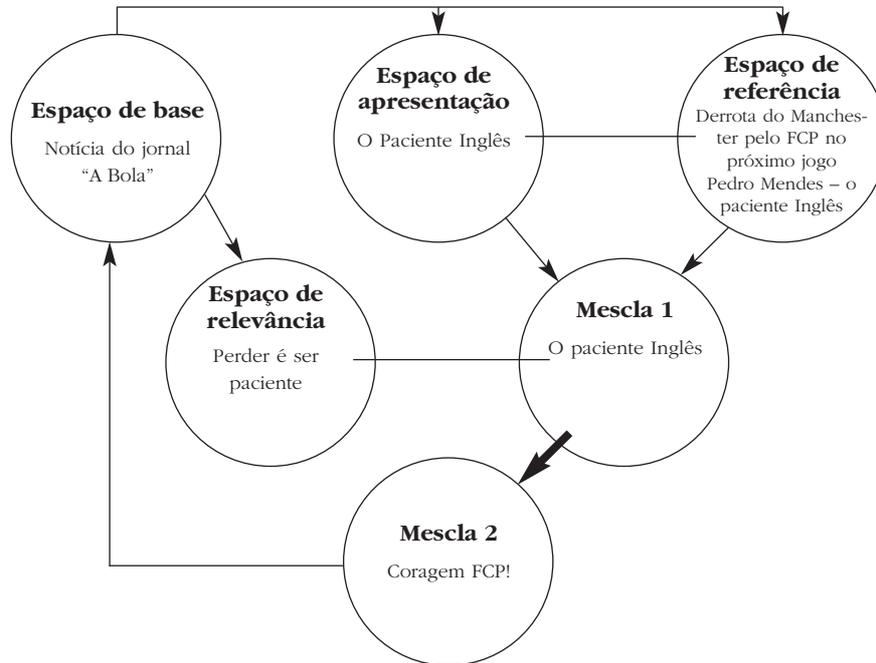
Por Carlos Vara

Décima Segunda vitória para o FC Porto em casa, zero empates, nem uma derrota. Números avassaladores do campeão que segue para Manchester com uma baixa de última hora (Pedro Mendes), mas tão carregadinho de moral.

Como se pode observar, o Espaço de Apresentação “O Paciente Inglês”, título do filme, é mapeado no espaço de referência, relativo ao futuro jogo entre o Manchester, uma equipa inglesa, e o FCP que terá lugar em Manchester. Sem dúvida que o mapeamento entre os dois espaços, do qual emerge o título mesclado “O Paciente Inglês” fica a dever-se à activação do seguinte factor de relevância : “perder é ser paciente”. Porém, o significado veiculado pela construção mesclada, “O Paciente Inglês”, assinalada no diagrama 6 como mescla 2, constitui, de facto, um incitamento de coragem à equipa do FCP.

Convém sublinhar que, no âmbito do espaço de referência, aparece um paciente português, Pedro Mendes, que não se poderá deslocar a Manchester. Trata-se de contratempo que, apesar de se configurar, de certo modo, como uma contrafactual à almejada vitória do FCP em Manchester, não obsta ao apoio inequívoco prestado pelo jornalista ao FCP.

DIAGRAMA 6



É óbvio que o significado intencional, um incitamento de coragem à equipa, é altamente condicionado pela dimensão temporal visada, a saber, um futuro próximo. Se, por hipótese, o jogo já tivesse decorrido, ou seja, se o título mesclado “O Paciente Inglês” se referisse a um jogo já efectuado, transmitiria, certamente, um significado de alegria pela vitória do FCP.

Convém mais uma vez sublinhar que o forte cunho auto-referencial, patenteado nos títulos mesclados já analisados, não se vislumbra, à primeira vista, no título mesclado acima referido. Se, por um lado, a dimensão referencial se destaca, dado que “O Paciente Inglês” se refere à equipa inglesa do Manchester, por outro, não podemos deixar de enfatizar que, em virtude de o referido título veicular um significado emotivo, também se inscreve na esfera da auto-referencialidade (cf. Nørth 2001).

Longe de se afigurar um caso isolado, registre-se que exemplos deste último tipo são recorrentes no nosso *corpus* de ocorrências mescladas, recolhidos em jornais e revistas portuguesas e alemãs, conforme patenteado nos vários trabalhos da autora (Almeida 2002, 2004 a, 2004 b), pelo que remetemos uma reflexão aprofundada desta questão para um outro trabalho em curso, a saber, (Almeida a publicar).

Não restam, porém dúvidas que a expressão da emoção nas mesclas se paradigmatisa fundamentalmente através de paralelismos estruturais que vêm corroborar a afirmação de Jakobson de que a função poética não se confina tão somente à poesia.

#### Agradecimentos

Ao Professor Per Aage Brandt estou grata pelos comentários a partes do presente trabalho aquando da sua exposição em Abril de 2004 no Centro Semiótico de Aarhus, no âmbito do seu seminário “Making sense of a blend”.

Manifesto ainda o meu apreço a Lyn Brandt por me ter gentilmente facultado o acesso à sua tese que muito me motivou.

Ao meu filho António agradeço a colaboração na recolha das ocorrências mescladas do jornal “A Bola” no período de tempo acima referenciado.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. C. (2002), “Processos de compressão em construções mescladas: análise semântica de ocorrências do português”, in *Actas do XVIII Encontro da APL*, (orgs. Amália Mendes e Tiago Freitas), Lisboa, Colibri, 75-82.
- \_\_\_\_ (2003), “*Mens facit saltus*: elementos para uma arquitetura mental da poética”, in *A Poética da Cidade* (hrsg. Helena Gonçalves da Silva), Lisboa, Colibri, 75-92.
- \_\_\_\_ (2004a), “More about Blends: Blending with Proper Names in the Portuguese Media”, in *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva* (hrsg. Augusto S. da Silva, Amadeu Torres, Miguel Gonçalves), Coimbra: Almedina, 145-158.
- \_\_\_\_ (2004 b), “Blend-Bildungen – und was dahinter steckt”, in *Kontrastive Sprachbeschreibung Portugiesisch mit anderen Sprachen* (hrsg. v. Jürgen Schmidt-Radeheldt), ‘Rostocker Romanischer Arbeiten’, Berlin, Peter Lang (no prelo).
- \_\_\_\_ (a publicar), “Blending the Pheno-world with Fiction: the Cognitive Semiotics View”, in *Questions on the Linguistic Sign* (organização de J Pinto de Lima, Maria Clotilde Almeida, Bernd Sieberg, Ana Maria Bernardo), Lisboa.
- BRANDT, P. A. (1998), *Morphologies of Meaning*, Aarhus, Aarhus U. Press.
- BRANDT, P. A. (2001), “Mental Space Networks and Linguistic Integration”, in *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva* (org. Augusto Soares da Silva), Braga, APL/Universidade Católica de Braga, pp. 63-78.
- BRANDT, P. A. (2004), *Spaces, Domains and Meaning. Essays in Cognitive Semiotics*, Bern/Frankfurt, Peter Lang.
- BRANDT, L. (2000), *Explosive Blends. From Cognitive Semantics to Literary Analysis*, Thesis at the Roskilde University.
- BRANDT, L. e Brandt, P. A. (2003), *Making sense of a blend*, Aarhus, Center for Semiotics in [www.hum.au.dk/semiotics](http://www.hum.au.dk/semiotics).
- FAUCONNIER, G. e TURNER (2002), *The Way we Think. Blending and the Mind's Hidden Complexities*, New York, Basic Books.
- JAKOBSON, R. (1979), *Linguística e Comunicação*, S. Paulo, Cultrix.
- JOHANSSON, J.D. e Larsen, S. E. (2002), *Signs in Use. an Introduction to Semiotics*, London, Routledge.
- NÖTH, W. (2001), “Auto-referência na teoria dos sistemas e da semiótica”, in *O Campo da Semiótica, Revista de Comunicação e Linguagens* nº29/2001, Lisboa, Relógio de Água.
- VILELA, M. (2002), *Metáforas do Nosso Tempo*, Coimbra, Almedina.
- WAUGH, Linda (2000), “Against Arbitrariness: Imitation and motivation revived”, in *Phon symbolism and Poetic Language* (ed. Patrizia Violi), Turnhout, Brepols, 25-56.

